

PRIMO RAFA

Primo Rafa, sei que não é um bom momento pra você. ELA. Maldita ELA. Isso me abalou e, logicamente, a todos nós. Ficar imobilizado, refém do próprio corpo, difícil acreditar e aceitar. Afinal, somos de uma geração ativa, produtiva, construtiva e que fomos apresentados, e ainda bem, a necessidade de trabalhar, desde cedo. Agradeço a nossos pais que nos instruíram nesse sentido. Assim, não me acostumei e não aceito a imobilidade nem da aposentadoria, se ainda tenho vitalidade e disposição. Sei que você também. Trilhamos um mesmo caminho e uma mesma história, afinal, além de consanguíneos somos também irmãos de leite, mamamos e fomos alimentados pela mesma grande mulher, sua mãe, DONA ADELINA, que DEUS a tenha.

Muitas vezes ainda sonho e tenho lembranças da velha Buerarema da nossa infância, simples mas enriquecedora, das traquinagens, os banhos de chuva, os jogos de gude, os escorregos no barro atrás da escola, as broncas em casa pela roupa suja, os banhos de rio escondidos, evitando chegar em casa com o cabelo molhado pra não apanhar, os brinquedos feitos à mão, as estradas e cidades que construíamos numa engenharia revolucionaria, as tardes de matinê nos CINE CABRAL ou MARACANÃ, torcendo pelos nossos heróis juvenis, trocando gibis e figurinhas, os bábas intermináveis no velho campo gramado, saudades também, respeitosa, das professoras Noelina e Afraudísia, com suas rodas de aritmética, tabuada à bolo, o saber e a disciplina ensinados com a autoridade exemplar da implacável e educadora palmatoria ou da régua gigante, exercida

livremente e sem preconceito e que hoje, talvez, não aceitaríamos para nossos filhos e netos, mas que nos ensinou os limites da cidadania e nos tornou cidadãos de bem, sem problemas psicológicos ou traumas infantis. Grandes mestras!, talvez nem soubessem o alcance e os benefícios sociais da sua tarefa educacional. Enfim, tudo um deleite! era a infância, saudável e vivida em liberdade, graças a DEUS. Sem bullings ou outros achismos do insuportável politicamente correto. Vade retro!!

Depois, por necessidade educacional, o êxodo grapiúna, a ida para ITABUNA, nova etapa e gratas lembranças. O bairro CAJUEIRO, reduto da boemia fracassada mas uma universidade da vida, expressão pobre mas intensa da biografia humana com os seus dramas sociais, seus personagens típicos e representantes local do gênero e diversificação humanos. Alí, aprendemos a ser adultos, ainda adolescentes, num ritual de passagem aparentemente sem traumas, e deixamos a saudosa infância, definitivamente para trás. Nos tornamos homens com a necessidade de definir a vida e o futuro e a assumir a responsabilidade e o ônus dessa decisão. Naquele ambiente crescemos com uma nova visão da vida. Tempo das transformações corpóreas, das descobertas sentimentais, das amizades fugazes, dos encontros e desencontros, dos romances as vezes lúdicos, às vezes traumáticos, e, também, novas diversões e novos amigos cujas feições e nomes teimam em desaparecer pois a memória sobrecarregada e cansada já não recupera.

Depois, Salvador! a velha cidade da BAHIA, com seus encantos e seus mistérios e um grande novo desafio, o vestibular. Vida de pensão e repúblicas, compartilhada com outros jovens candidatos

a doutores, longe da proteção e dos olhares fiscalizadores dos pais, um misto não traduzível de liberdade e medo mas, a disposição de ir em frente e por conta própria. Agora, não tínhamos dúvidas, éramos senhores do nosso destino. Aulas, cursinhos, apostilhas, noites varadas nos olhos indormidos, às vezes febris, decorando fórmulas e trechos de livros, para nós mais difícil pois vínhamos de um curso básico deficitário. Mas conseguimos! surpreendentemente, conseguimos.!

Indescritível a emoção de adentrar no primeiro dia o território sagrado da faculdade, agora éramos calouros, universitários de um curso médico. O máximo! Desejado por muitos e alcançado por poucos. Nos movíamos tímidos mas orgulhosos da cabeça raspada no trote dos veteranos, ao entrar para assistir a primeira aula. Cercados de outros jovens talvez, tão sonhadores quanto nós e com a mesma história e em busca da ascensão social. O professor congratulando e dando as boas vindas a nova turma antes de começar a aula, e a ansiedade e expectativa estampada naquelas faces ainda juvenis, e os olhares trocados, talvez em busca de identificação entre os componentes da turma . Tudo isso ficou gravado para sempre na memória.

Olhando para trás, após o curso de formação médica, todos esses anos transcorridos de prática profissional, convivendo com a dor e o sofrimento alheios, essas mesmas dores que tratamos e as inúmeras vidas que salvamos, ou a morte que adiamos, gratificados com a satisfação de ver no rosto de alguém, o sorriso, o olhar de agradecimento expressado na voz ou um gesto qualquer, concluo que vencemos, somos vencedores! Os garotos de BUERAREMA! Foi difícil e sacrificada mas, acredite,

fizemos a vida, PRIMO! Cumprimos nossa missão. E bem. A nossa consciência é testemunha e nos tranquiliza.

Entretanto, devemos entender, é um ciclo, a vida é feita de ciclos, que se abrem e se fecham, num aparente ordenamento divino. Estamos no ocaso, portanto, o que agora vier, é lucro, da forma que vier, aceitemos, mesmo que ainda tenhamos que passar alguma provação, pois as vezes, o inesperado faz uma surpresa, nem sempre agradável. Mas, vamos em frente, quem tá na chuva deve se molhar. E o importante é não desistir, mesmo que a luta pareça inútil e a batalha antecipadamente perdida. Lembre que só os bravos tombam de pé, e jamais se ajoelham a não ser, diante de DEUS!

Um grande abraço, primo.